

## Índice

A cultura do medo.....	1
Educar os jovens para saberem gerir riscos.....	4

### A cultura do medo

No mundo desenvolvido, cada vez existe um maior medo em face de potenciais ameaças e maior desconfiança na capacidade para as superar. Se noutras alturas se insistia no poder humano, agora dá-se por adquirida a fragilidade do indivíduo. Daí que a aversão pelo risco e a busca da segurança se tenham vindo a converter em tendências dominantes do mundo de hoje acima das ideologias, mesmo anteriormente ao aparecimento da Covid-19.

O coronavírus contribuiu apenas para acentuar e revelar uma cultura do medo que já estava em curso desde há décadas.

Não é que o medo seja uma paixão inútil. Por vezes, pode ser um ato de sabedoria e de responsabilidade para evitar ameaças certas; mas noutras, pode favorecer a cobardia ou a conduta irracional. O peculiar da situação atual é que a busca de segurança não se deve ao facto da humanidade enfrentar mais perigos do que noutras épocas, mas a uma narrativa do medo que inflaciona os possíveis danos.

Frank Furedi, professor emérito de Sociologia da Universidade de Kent, estudou-a já em 1997 na sua obra "Culture of Fear" e mais tarde aprofundou a sua análise noutra, intitulada "[How Fear Works. Culture of Fear in the Twenty-First Century](#)" (Bloomsbury Continuum, Londres, 2018). É um livro escrito antes da pandemia, pelo que não pretende analisar as reações na luta contra o coronavírus. Mas lido agora, o livro revela-se mais esclarecedor. O sociólogo britânico salienta que "desde finais dos anos 70, se converteu em norma uma atitude cultural pessimista sobre a capacidade das pessoas para enfrentar a adversidade".

Também é significativo, afirma Furedi, que "nas sociedades ocidentais, geralmente são os mais ricos, os mais seguros económica e socialmente, os que tendem a estar mais preocupados com a sua segurança".

### A retórica do medo

Embora no caso do coronavírus todos tenham visto de perto o perigo, Furedi refere que os receios em maior destaque na sociedade atual não costumam basear-se na experiência direta, mas no que contam os meios de comunicação social. A informação sobre o risco, não a experiência das pessoas, é o que causa a maioria dos medos. Não temos experiência direta da extinção de espécies, do aumento do nível das águas do mar ou do possível dano provocado pelos cereais transgénicos, mas damos por certo aquilo que nos contam os "especialistas".

Muito menos quer dizer Furedi que o aumento do receio seja apenas culpa dos meios de comunicação social, mas sim que a retórica do medo adotada pela imprensa reforça a pré-existente cultura pessimista.

Experiências que sempre foram consideradas normais, agora são objeto de advertências sobre possíveis riscos e, às vezes, também como fonte de possíveis processos judiciais para reclamar indemnizações. Beber água da torneira ou refrescos açucarados, comer um hambúrguer, apanhar sol... são vistos como ameaças para a saúde. As mudanças meteorológicas – desde tempestades a ventos – dão lugar a alertas contínuos. Levar as crianças ao parque para brincarem parece um risco, pois podem ficar expostas a acidentes, poluição, assédio de outras crianças, perseguições por parte de pedófilos. No metropolitano

de Madrid, por exemplo, podem ver-se cartazes a proclamar “Evite o perigo!”, de modo a advertir para todos os descuidos que se devem evitar se se for utilizar uma escada rolante, o que, pelos vistos, é hoje uma aventura de grande risco. E não é preciso dizer mais nada sobre a epidemia de advertências, avisos, precauções, conselhos e ameaças de multas a que está dar lugar a luta contra o coronavírus.

A linguagem dos meios de comunicação social popularizou termos da retórica do medo, antes utilizados com mais moderação: *população vulnerável, grupos de risco, sobrevivente melhor do que vítima, extinção, tóxico, pandemia, cancerígeno, espaço seguro...* são termos que se borrifam por todo o lado em informações sobre inúmeros assuntos.

## Bombas de relógio

Cada vez mais ameaças se tornam inquietantes e, devido ao princípio de precaução, as autoridades devem tomar medidas, porque a ausência de provas do dano não dispensa ações preventivas. E a verdade é que o mundo se tornou tão perigoso e complexo, que em vez de uma análise da probabilidade do risco, avança-se na mera possibilidade de que ele exista.

A metáfora da “bomba de relógio” é utilizada para dramatizar cada vez mais ameaças, seja das alterações climáticas, da perda da biodiversidade ou da transmissão de vírus. Estamos continuamente numa corrida contra o tempo para evitar danos irreversíveis, que irão conduzir a um cataclismo para a espécie humana. Dizer que se tem medo pode ser até uma forma comprometida de demonstrar maior sensibilidade perante os problemas e de fazer suscitar assim a ação, como quando Greta Thunberg nos grita: “Quero que sintam pânico!”.

Pelo menos, em sociedades mais religiosas, a crença no Julgamento Final deixava um equilíbrio de esperança e desespero, em que bons e maus receberiam o merecido pelos seus atos. Pelo contrário, a narrativa apocalíptica da bomba de relógio somente projeta caos e destruição para todos.

Se em épocas passadas se confiava sem reservas no progresso, agora o futuro tende a ser visto como um território perigoso e incerto. Numa era pós-Iluminismo, tenta-se proteger a sociedade de um mundo rapidamente em mutação, mais complexo e incerto, que escapa ao controlo humano.

## Na falta de consenso moral

Tradicionalmente, o medo do desconhecido ficava enquadrado dentro de um sistema de crenças que guiava e dava segurança

às pessoas. A religião transmitia ensinamentos e práticas sobre o que temer e o que não temer. Mas em tempos de confusão moral como o atual, as comunidades encontram mais dificuldades para enfrentar a incerteza.

Segundo Furedi, isto tem profundas consequências sobre o modo como as comunidades interpretam as ameaças e a forma de responder a elas. “No frágil clima social de hoje, falta-nos uma virtude que possa servir como antídoto do medo. Por isso, confiamos em recursos não morais – psicologia, terapia, especialistas – para guiar as nossas respostas às ameaças. A confusão moral sustenta e reproduz a cultura do medo”.

Paradoxalmente, o enfraquecimento do consenso moral intensifica a tendência para moralizar, mesmo em matérias que antes não eram consideradas numa perspetiva ética (obesidade, amamentar o bebé, alimentação, reciclagem...). Mas como a modernidade se sente incomodada perante os qualificativos morais, “em vez de denunciar transgressões morais, o medo apela a castigar ‘comportamentos de risco’, ‘escolhas doentias’ ou ‘atentados contra o meio ambiente’”.

O sexo, que durante séculos foi objeto de avaliações morais, não está menos submetido do que antes a regras e conselhos. Mas agora enquadram-se dentro de uma motivação de saúde sexual e expressam-se com uma linguagem medicalizada através de advertências para que o sexo seja seguro, responsável, negociado, em vez de arriscado e não protegido.

Nas controvérsias públicas, apela-se à “ciência diz...” como antes se argumentava “Deus disse...”, mas as discussões sobre ameaças muitas vezes baseiam-se em convicções prévias e não em descobertas científicas. E facilmente levam a respostas categóricas. “Quando o medo assume uma forma não moralmente controlada, as comunidades reagem às ameaças refugiando-se amiúde em respostas a preto e branco”, refere Furedi. “A incomodidade perante a incerteza pode suscitar a atitude de ‘certeza a qualquer preço’, e a intolerância para os que questionam o dogma é frequentemente um dos lamentáveis resultados desta causa”.

Por isso, os que não seguem o conselho dos especialistas em matéria de saúde pública são apresentados como “moralmente irresponsáveis” e a sua conduta qualificada como uma ameaça para a comunidade. Neste clima, o ceticismo perde a sua conotação positiva como traço próprio de uma mente aberta e como atitude inerente à experimentação científica, para ser assimilado ao “negacionismo” se for questionada a ortodoxia dominante.

## Motivar com o medo

Na falta de ideais positivos e objetivos, emerge por defeito uma motivação baseada no medo. Para motivar as pessoas, apela-

-se ao seu sentido da vulnerabilidade, à sua insegurança existencial e à ansiedade perante o futuro.

Se antes assumir um risco era considerado algo próprio de um comportamento corajoso, agora é apresentado com frequência como um defeito de uma pessoa irresponsável. A atitude do risco calculado que pode produzir um ganho ou uma perda, tende a ser vista cada vez mais como um comportamento imprudente.

Deste modo, expande-se continuamente o leque de atividades que podem representar um risco e inovações tecnológicas que devem ser avaliadas pelas suas possíveis consequências nocivas (nanotecnologia, inteligência artificial, organismos transgênicos...).

A crença de que as pessoas são motivadas mais pelo medo do que pela esperança, leva a que sejam utilizados pânico morais para defender boas causas e construir assim a solidariedade social. Como salientou o pensador alemão Ulrich Beck, “numa época onde a confiança em Deus, na classe, no país e no progresso em grande parte desapareceram, o medo partilhado demonstrou ser o último – e ambivalente – recurso para criar vínculos”.

No entanto, Furedi pensa que a perspetiva do medo não serviu para criar novos laços de solidariedade. O que conseguiu foi provocar esporádicos surtos de medo e mobilizações passageiras contra ameaças concretas, como a que agora observamos perante a pandemia do coronavírus.

### A criação de uma pessoa receosa

A perspetiva do medo não influencia somente o modo de reagir perante as ameaças, como também a nossa ideia do que significa ser pessoa.

Historicamente, as atitudes e valores pertencentes à personalidade assentavam em princípios morais. “A expectativa de que as pessoas responderiam ao perigo e ao dano com coragem, fazia parte essencial do que constituía o comportamento moral”, salienta Alasdair MacIntyre na sua obra “After Virtue”. Independentemente do ideal ser alcançado ou não, a clássica virtude da coragem sublinhava a responsabilidade, o altruísmo e a sabedoria. Hoje, continuamos teoricamente a enaltecer o valor e o heroísmo, mas na prática diária fazemos pouco por cultivá-lo. A vulnerabilidade aparece como a essência do que significa ser humano. Na cultura do medo, o sobrevivente substituiu o herói.

“A tendência para inflacionar os riscos e o perigo, foi acompanhada pela idealização da segurança e da sobrevivência como valores em si mesmos”, assinala Furedi. Isto influenciou o modo de socializar as novas gerações, e a forma de pensar

dos adultos que as educam. Em vez de fomentar a coragem através da formação do caráter, procurou-se a intervenção de especialistas psicólogos para superar os medos com terapias.

“A socialização dos jovens baseou-se cada vez mais em técnicas terapêuticas que tiveram o efeito perverso de encorajar crianças e jovens a interpretar problemas existenciais como problemas psicológicos”, diagnostica Furedi. Deste modo, problemas normais de crescimento e de abrir caminho na vida são interpretados através da linguagem da saúde mental. E os jovens recorrem cada vez mais à ajuda psicológica para enfrentar os medos de uma personalidade insegura, de não alcançar os padrões, de uma baixa autoestima, o medo dos exames e dos desportos competitivos, ou o medo de ser criticado nas redes sociais (“[Crisis de resiliencia en los campus](#)” (“Aceprensa”, 20.11.2017).

### A obsessão pela segurança

No mundo ocidental, a busca pela segurança converteu-se hoje num traço predominante acima das ideologias ou, melhor, como algo comum a todas elas. Esta obsessão surge através de uma ampliação do possível dano, misturada com um baixo nível de tolerância à dor. E não só como resposta a ameaças externas, como também pela agitação interior associada à insegurança existencial. Daí a expansão das políticas de identidade, cuja retórica celebra continuamente a sobrevivência do grupo minoritário em face da experiência da vitimização e que considera uma ofensa o facto de se exporem ideias a pôr em causa as suas teses.

Os promotores de uma filosofia da segurança partem da base de que todo o dano é prevenível e que o objetivo é o dano zero. Todos os restantes objetivos têm de subordinar-se a isto. Pelo que uma ameaça inesperada e grave como a pandemia do coronavírus, perturba esta pretensão de imunidade, embora, em simultâneo, eleve o adjetivo “seguro” a valor por excelência da nova normalidade.

Nesta perspetiva do medo, o discurso livre e o debate aberto são considerados cada vez mais como práticas inseguras, pelo que se admitem restrições que noutros tempos pareceriam intolleráveis. “A cultura do medo promove continuamente a ideia de que a nossa segurança depende de abandonar algumas das nossas liberdades”, adverte Furedi, com uma clarividência que a pandemia do coronavírus confirmou até extremos insuspeitados.

Mas defender a liberdade de expressão com os seus riscos também é um modo de valorizar a democracia. Porque “não é surpreendente que uma cultura da precaução se sinta mais confortável com a opinião de um especialista do que com o imprevisível veredito do eleitorado. O debate genuinamente democrático é inerentemente arriscado, porque não há garantias sobre o resultado”.

Frank Furedi escreveu um livro revelador, que deveria estimular a nossa capacidade de resistência no seio da cultura do medo em que nos movemos.

I. A.

## Educar os jovens para saberem gerir riscos

Para superar a tendência fatalista [da cultura do medo](#), Frank Furedi conclui o seu livro referido no texto anterior, com uma proposta de mudança sobre o modo de socializar as novas gerações.

“As novas atitudes modernas sobre a criação e a educação desempenham um papel principal no aumento da importância concedida ao medo na nossa vida”.

“Que algo realmente importante falhou na socialização dos jovens é demonstrado pelas numerosas iniciativas lançadas para proporcionar às crianças e aos jovens mais autoestima, mais confiança, mais resiliência ou mais coragem. (...) Infelizmente, a introdução de uma nova moda é difícil que melhore a situação, pois apela a uma técnica para resolver um problema de socialização”.

“Os que propugnam ensinar resiliência e valor, assumem erradamente que essas técnicas podem servir para formar o caráter das crianças. Esta abordagem tende a perceber o caráter como resultado de uma técnica que se adquire com treino. Mas qualquer pessoa que tenha dedicado tempo e esforço a cultivar o caráter nas aulas, sabe que o importante é estimular o desenvolvimento das qualidades morais. O caráter é um conceito moral que implica a posse de virtudes, a mais importante das quais é ter bom senso”.

“Os adultos devem abandonar a sua confiança unidimensional na validação terapêutica como primeiro instrumento de socialização. Necessitam de levar mais a sério a educação moral dos jovens”.

“Qualificar as crianças como grupo ‘vulnerável’ e ‘de risco’ não lhes faz nenhum favor. Pais, professores e outros adultos querem naturalmente proteger as crianças dos possíveis danos. Mas o modo atual de proteger as crianças não as ajuda a estarem mais seguras, pois impulsiona-as a serem escravas da sua segurança. Este *ethos* de proteção infantil reforça um prolongamento da dependência – desnecessária e sem precedentes – em relação aos pais e aos adultos. (...) Em vez de isolar as crianças dos aspetos estressantes e ameaçadores da vida, deveriam ser educadas para compreendê-los e para desen-

volverem a sua capacidade de gerir as experiências decepcionantes e dolorosas”.

## Medos de adultos

Esta fixação na segurança das crianças é, no fundo, um recurso dos adultos contra os seus próprios medos, defende por seu lado o psiquiatra norte-americano Mark McDonald. Numa sessão pública convocada pelas autoridades escolares de Orange County (Califórnia) a propósito do coronavírus, McDonald disse (a sua intervenção foi reproduzida em parte no “The Wall Street Journal”, 15.7.2020):

“Os pais têm de enfrentar muitos momentos de ansiedade: ver os seus filhos a ir pela primeira vez à creche, ao seu primeiro acampamento, ao seu primeiro dia na universidade. Talvez queiram tê-los em casa para os proteger do mundo, que pode ser, sem dúvida, temível. Mas sejamos claros: quando atuam assim, na realidade os pais não estão a proteger os seus filhos. Só estão a tentar gerir a sua própria ansiedade, e isso é prejudicial a eles”.

“Têm de tomar decisões no melhor interesse dos filhos. Caso contrário – se, paralizados pelo medo, continuarem a atuar por puro interesse próprio –, irão criar toda uma geração de jovens traumatizados, condenados à adolescência perpétua em casa dos seus pais, incapazes de abrirem caminho na vida com independência, coragem e confiança. Eles merecem algo melhor, e os pais devem-no a si próprios como seus progenitores”.